

CADERNO PEDAGÓGICO

# O CAMALEÃO QUE NÃO MUDAVA DE COR

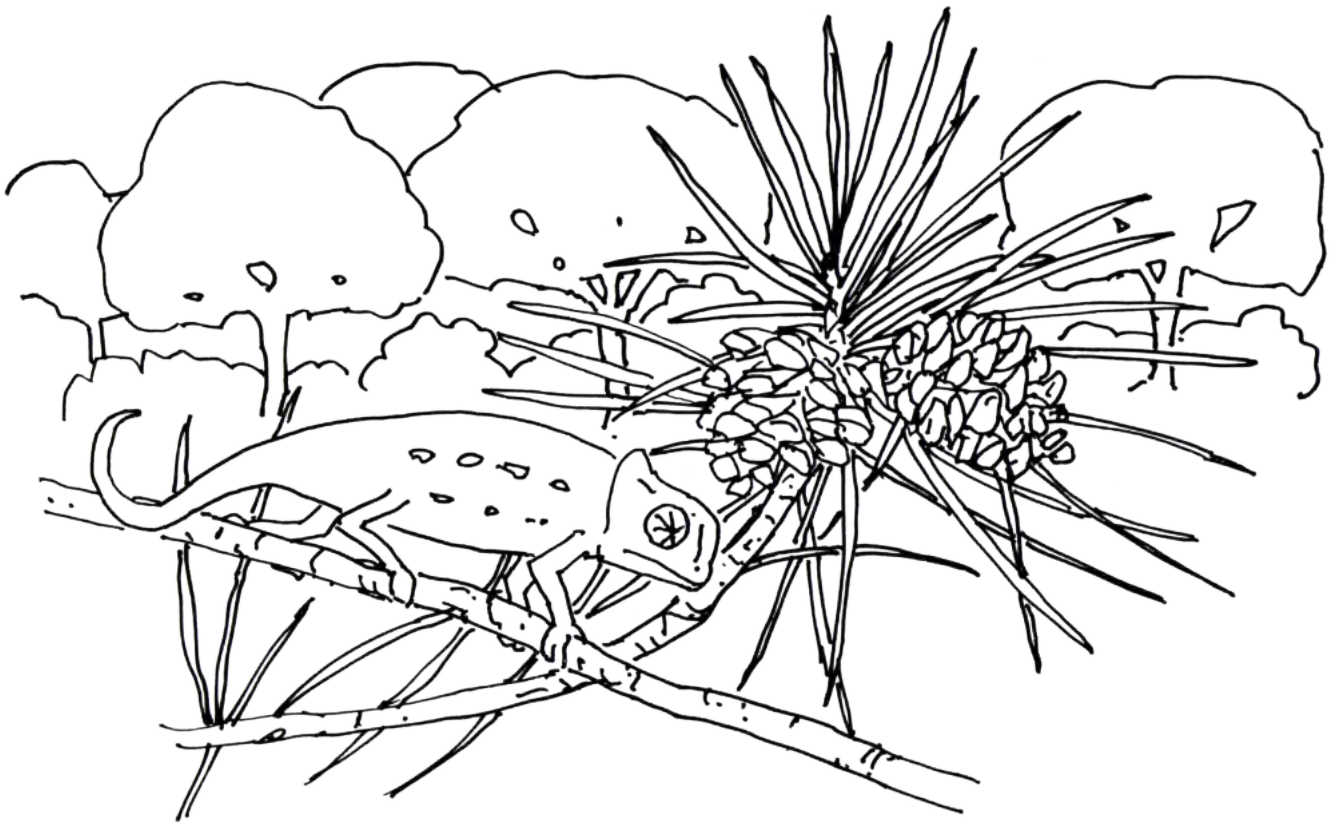
- conto para colorir -





# O CAMALEÃO QUE NÃO MUDAVA DE COR

Leo era um jovem camaleão que vivia num pinhal perto do mar. Era verde, tinha olhos redondos e quatro patas com dedinhos em forma de pinça. Graças a eles conseguia subir às árvores sem cair e ficava lá em cima muito tempo, bem escondido e descansado. Às vezes até tirava uma soneca!



Leo adorava brincar com os amigos. Costumavam fazer acrobacias, pendurados pela cauda nos ramos dos pinheiros e também faziam estranhas corridas em câmara lenta. É que os camaleões andam e correm muito devagar, mesmo **MUITO DEVAGAR.**

Um dia resolveram brincar às escondidas.

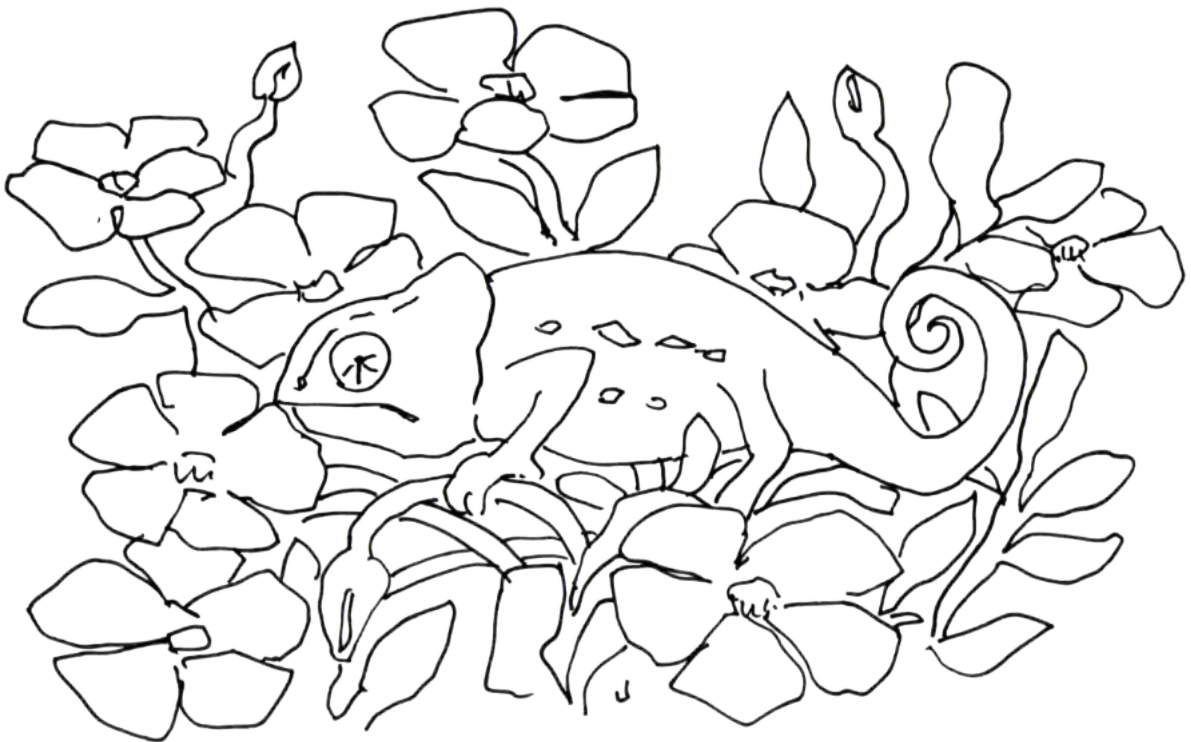


— Vamos jogar às escondidas! — gritou um deles, e logo todos se foram esconder. Os camaleões são mestres na arte da camuflagem. Quer isto dizer que mudam de cor para se disfarçarem. Na folhagem verde ficam verdes, nos troncos ganham um tom castanho e nas dunas ficam da cor da areia.

E assim todos os camaleões foram mudando de cor. Todos menos um. Leo estava em cima de uma flor amarela e, por mais que se esforçasse, não conseguia camuflar-se. Os outros camaleões começaram a fazer troça dele.

— Eh! Eh! Um camaleão que não é capaz de mudar de cor! — E riam às gargalhadas. Leo estava muito envergonhado e teria corado se fosse capaz disso.

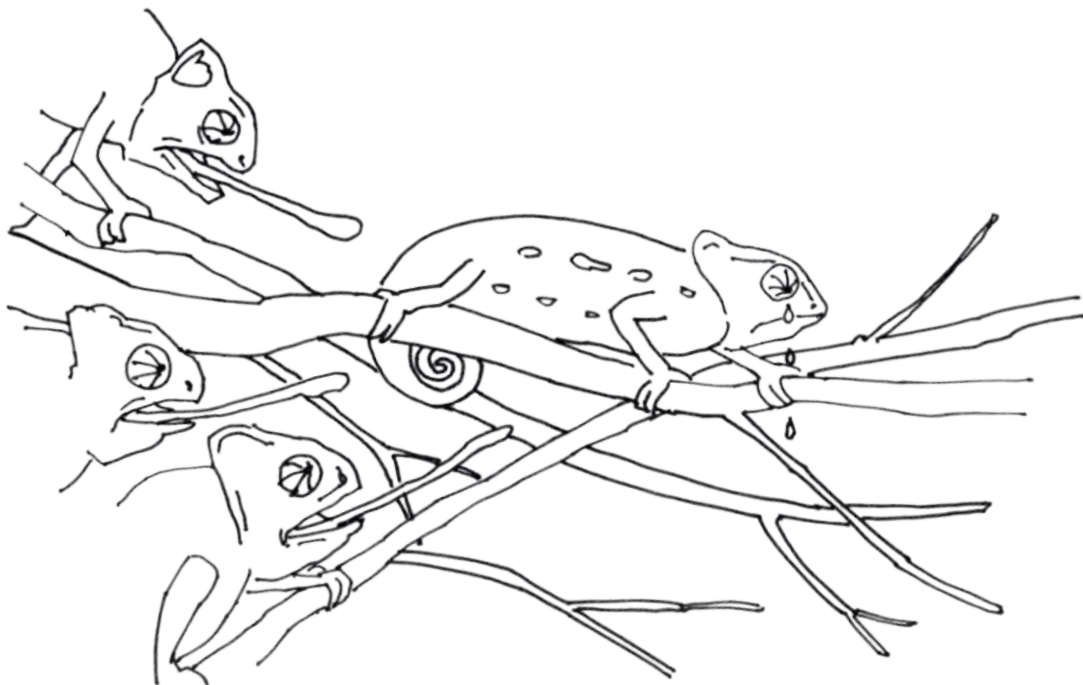
— Um camaleão que não consegue camuflar-se é facilmente caçado por uma águia — disse um deles.



— Pois é, se o veem ficamos todos em perigo! — acrescentou outro. E depois virando-se para Leo: — O melhor é ires-te embora daqui!

Todos concordaram.

— Vai-te embora! Vai-te embora! — gritavam eles, esticando as compridas línguas camaleónicas.



Leo nem queria acreditar no que estava a acontecer. Muito lentamente começou a afastar-se. As pernas tremiam-lhe e as lágrimas saltavam-lhe dos olhitos redondos. Sentiu uma enorme tristeza agarrar-se a ele e por mais que tentasse sacudi-la, dar-lhe pontapés e mostrar-lhe a língua, a tristeza não o largou o resto do caminho.

Foi andando sem saber para onde ir. Passou o pinhal, as dunas douradas e finalmente chegou à praia. Avistou o mar imenso, as ondas desfazendo-se em espuma e o sol radioso. O espetáculo era magnífico, mas Leo estava tão desanimado que não via a beleza da paisagem. Deitou-se na areia e desejou adormecer para sempre.

— Então, estás a apanhar banhos de sol? — perguntou uma voz esganiçada.

Leo abriu os olhos e viu uma grande gaivota junto dele. “Pronto, vou morrer!”, pensou, e cerrou os olhos com força, à espera de levar uma bicada.

— Estás-te a fingir de morto? Descansa, que eu não te vou comer!

— Não? — perguntou Leo baixinho, abrindo um olho.

— Claro que não, já tenho a barriga cheia! — grasnou a gaivota. Deu um pulinho para a frente e sussurrou: — Mas olha que aquelas gaivotas além parecem ter fome...



— Não me importo.

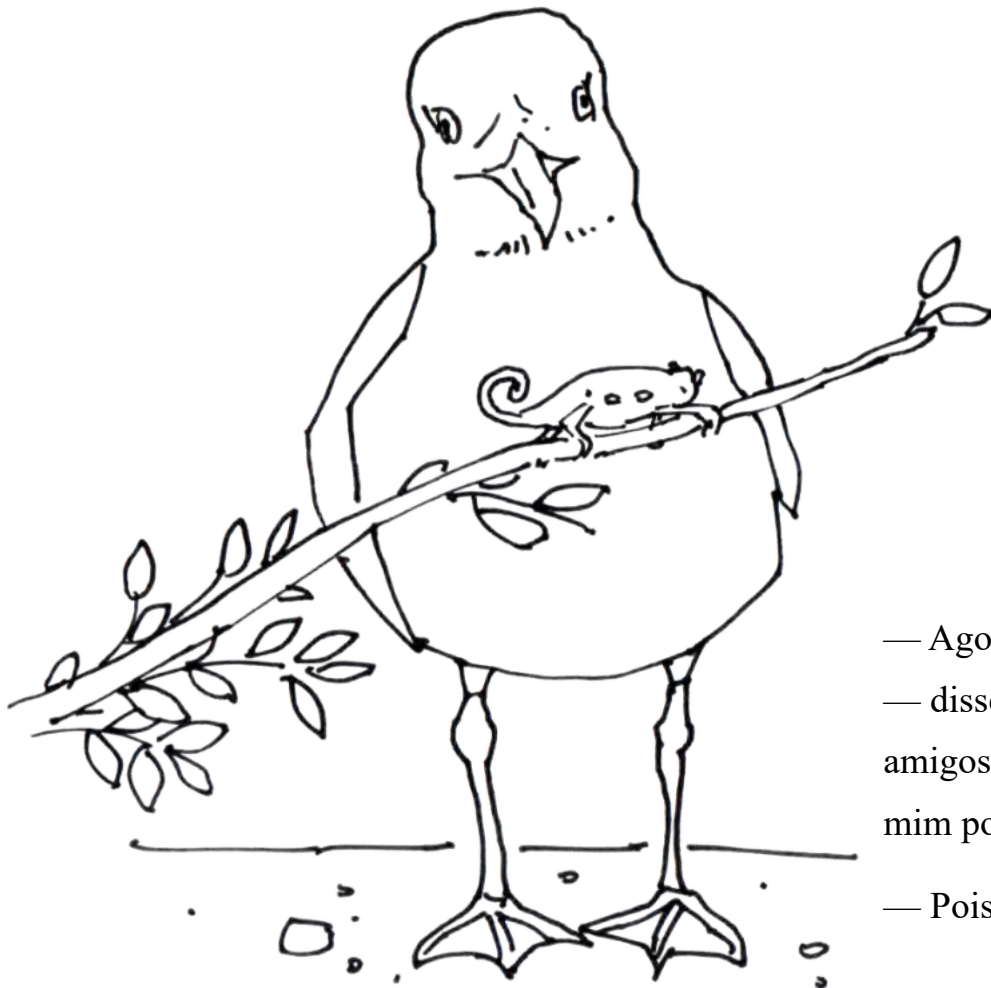
— Ah, mas tu ainda és um jovem. O que te fez ficar assim mal com a vida? — quis saber a gaivota, inclinando a cabeça de lado, onde brilhavam uns olhinhos redondos e muito vivos.

Leo contou-lhe tudo. Quando acabou a sua história, a gaivota disse:

— Não te rales com esses teus amigos! Foram parvos e têm preconceitos na cabeça. — Leo não sabia o que eram preconceitos, e a gaivota explicou:

— Preconceitos são ideias malfeitas sobre os outros. Imagina que essas ideias andam por aí a esvoaçar e às vezes, zás!, enfiam-se na cabeça dos mais descuidados!

E começaram os dois a rir ao imaginarem os preconceitos com asinhas a percorrerem o mundo à procura de cabeças ocas.

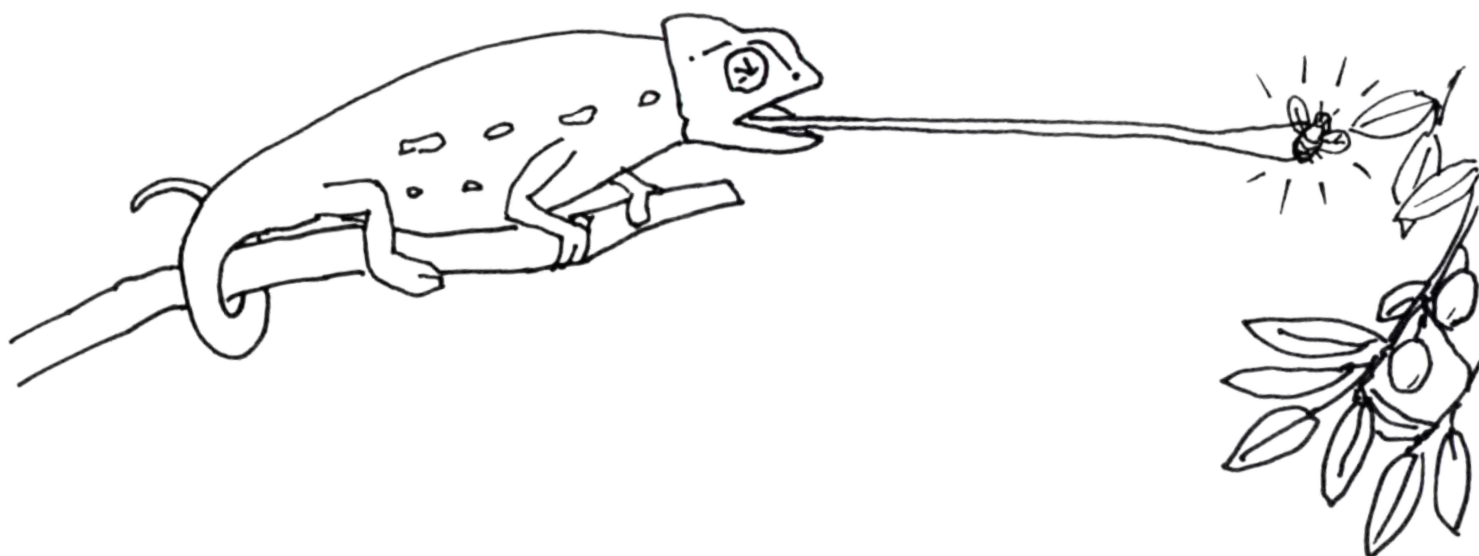


— Agora compreendo  
— disse Leo —, os meus  
amigos tiveram medo de  
mim por eu ser diferente!  
— Pois foi!

— E eu a pensar que a culpa era minha! — disse Leo, com alívio. — Adeus, gaivota. Obrigado pela tua ajuda!

Leo seguiu viagem. No caminho sentiu fome e começou a olhar em volta em busca de comida, revirando cada olho numa direção diferente.

Esvoaçando por ali andavam duas moscas. “Ah, belo almoço!”, pensou Leo. E ficou muito quieto à espera que as moscas se aproximassem. Quando uma delas já estava perto Leo projetou rapidamente a sua língua comprida e apanhou a mosca, que comeu muito satisfeito.



Leo era um excelente caçador; e disfarçado na vegetação verdejante não havia mosca, aranha ou gafanhoto que lhe escapasse. Mas quando chegou o verão as folhas verdes secaram e os insetos topavam Leo à distância.

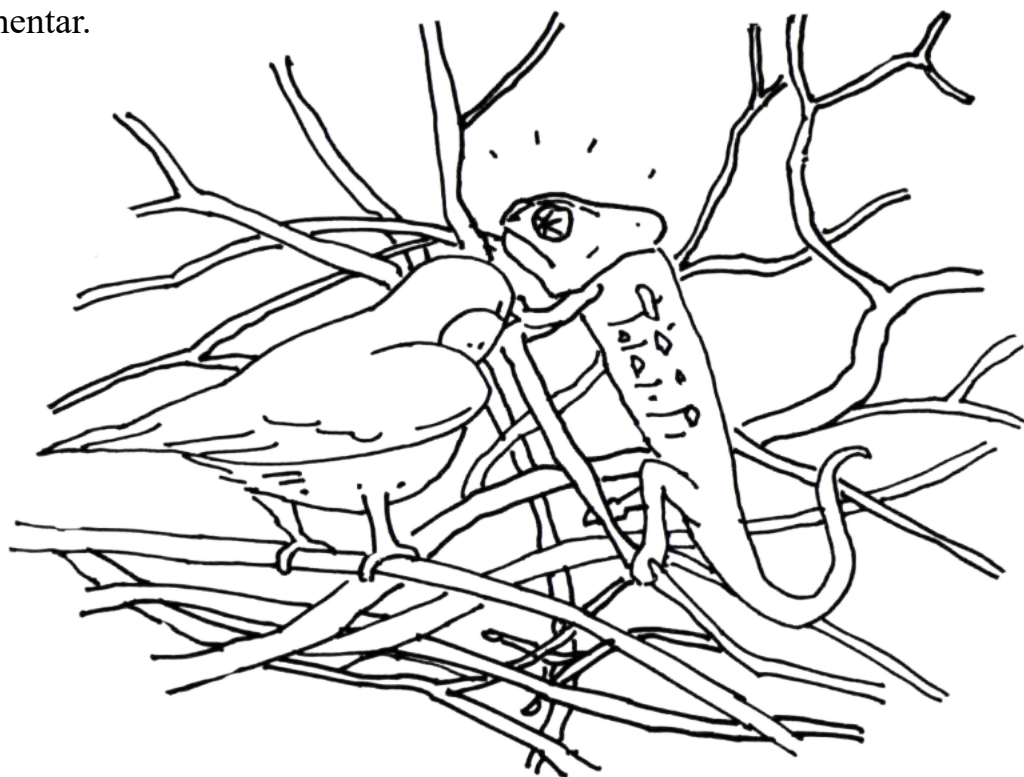
Estava já há cinco dias sem comer quando poisou junto dele uma andorinha.

— Olá, camaleão! — saudou a andorinha. — Eu chamo-me Délia, e tu?

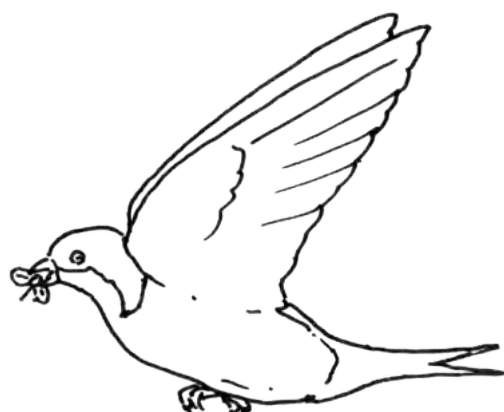
Leo estava tão fraco que nem tinha forças para falar. A muito custo respondeu: “Leo”.



— Pareces doente, Leo, que se passa contigo? — perguntou a andorinha, mas Leo já não conseguiu responder. A andorinha, avezinha esperta e muito viajada, logo percebeu que ele estava a morrer de fome e foi caçar uns insetos para o alimentar.



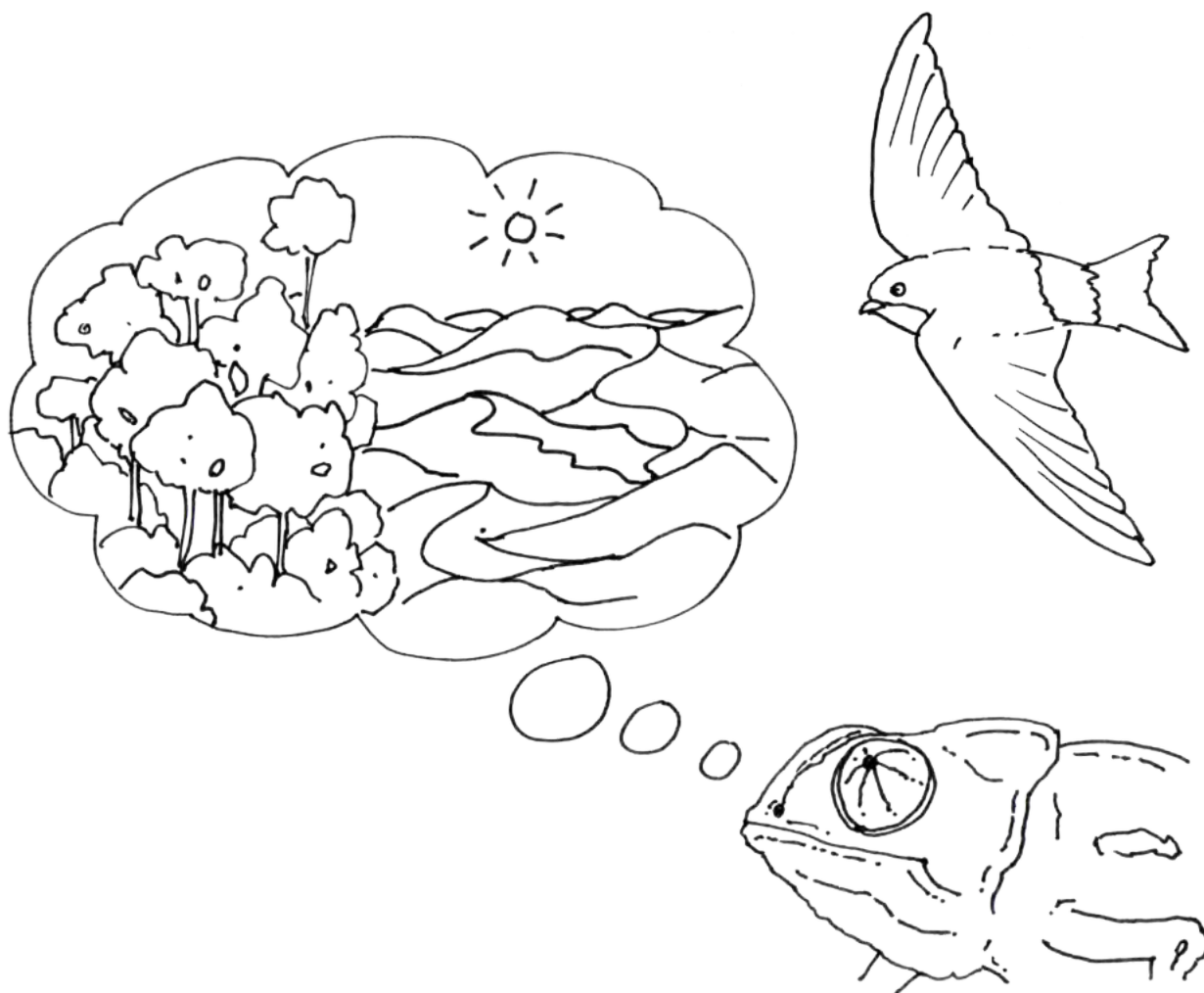
Todos os dias a andorinha vinha ver o seu amigo e trazia-lhe bicharocos que ele engolia num ápice. Leo aguardava ansiosamente a chegada de Délia, e quando ela tardava ele entristecia, com medo que ela não viesse. Habitara-se aos cuidados da andorinha e ao seu chilreio animado. As horas que passava com Délia eram as mais felizes do dia.





Délia vivia metade do ano no sul de África e contava a Leo como era a vida por lá e a longa viagem que fazia todos os anos para chegar à Europa.

— Temos de atravessar a floresta tropical, depois o deserto do Sahara e finalmente o Mar Mediterrâneo — contava Délia. O jovem Leo, que em toda a sua vida não teria andado quinhentos metros, escutava-a encantado.



— Quem me dera viajar como tu — dizia Leo com olhos sonhadores —, conhecer as florestas tropicais, as enormes dunas do deserto, e os meus primos camaleões que vivem em África, ...

— Olha que é uma viagem de milhares de quilómetros e com muitos perigos — interrompeu Délia —, muitas companheiras não resistem e morrem pelo caminho.



— Então porque se arriscam a fazer uma viagem tão perigosa?

A andorinha tossiu e fez um ar sério antes de começar a explicar:

— Sabes Leo, é tudo uma questão de sobrevivência...

— Sobrevivência? — interrompeu Leo, que não conhecia aquela palavra.

— Pois, sobreviver, mantermo-nos vivos, sustentarmo-nos — explicou Délia.

— Estou a entender. Por exemplo, eu estava a morrer de fome, tu alimentaste-me e eu sobrevivi!

— É isso mesmo — concordou a andorinha. E continuou: — Como eu estava a dizer, nós, andorinhas, temos de fazer essa longa viagem para encontrarmos alimento e fugirmos do frio.

— Frio em África?! Então lá não é sempre verão? — perguntou Leo.

Délia riu-se da inocência do amigo e explicou-lhe que o continente africano era muito grande e que havia lá regiões que tinham as quatro estações, como na Europa, só que ao contrário.

— Quando é verão na Europa, no sul de África é inverno; e quando lá é verão, é inverno aqui. Entendes? — Leo acenou com a cabeça, mas via-se que estava confuso, e Délia continuou:

— Em março começa o outono em África e é então que nós migramos para a Europa, onde chegamos na primavera.

— Ah, então é por isso que dizem que as andorinhas anunciam a primavera!

— exclamou Leo.

— Pois é! E aqui construímos os ninhos e criamos os nossos filhos. No fim do verão regressamos a África.

— Quando o verão acabar vais-te embora?

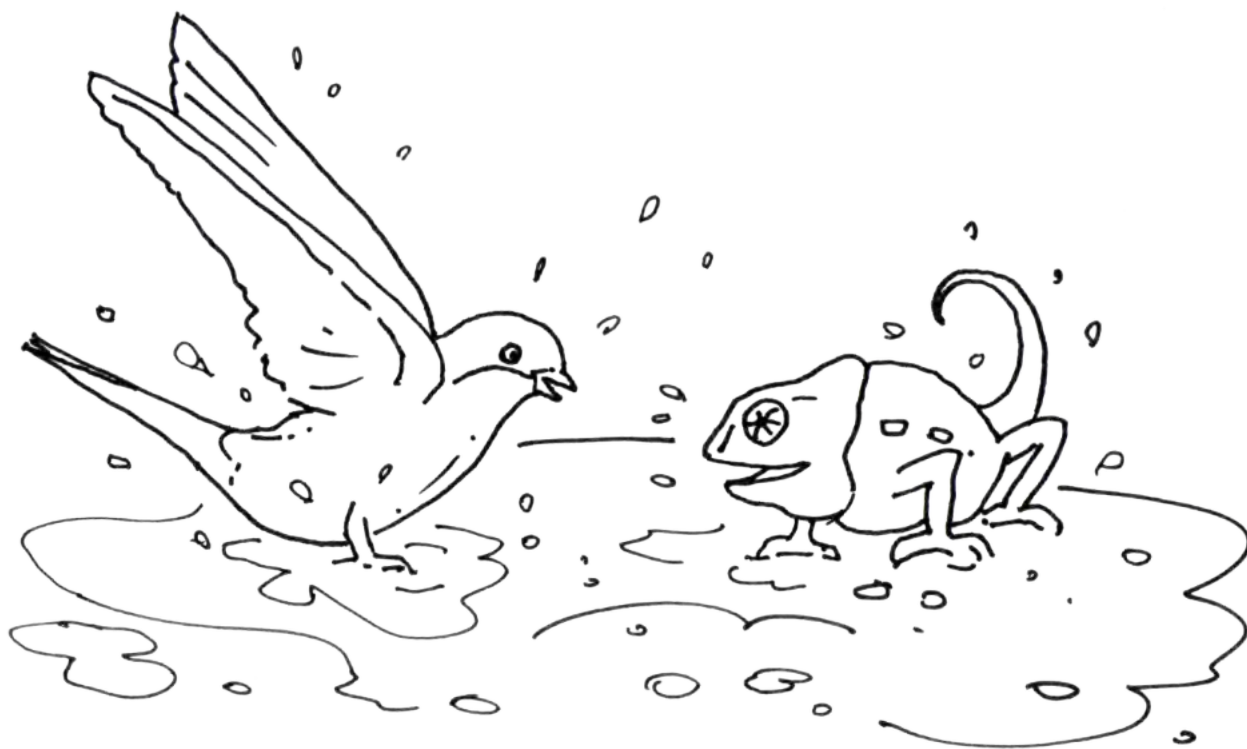
— Ó Leo, tenho de ir. Se ficasse morreria de fome e de frio.

— Posso ir contigo? — pediu Leo. — És a minha única amiga, quando partires fico sozinho.

Délia também não queria separar-se do amigo. Com a vozinha trémula, disse-lhe:

— Escuta, Leo, eu gosto muito de ti, mas não posso levar-te comigo nem posso ficar. Mas prometo-te que para o ano voltaremos a estar juntos!

Os dois amigos abraçaram-se comovidos e aproveitaram o melhor que puderam os dias que lhes restavam. Passearam na praia, brincaram nas poças de água que surgiam na maré baixa e fizeram castelos de areia.



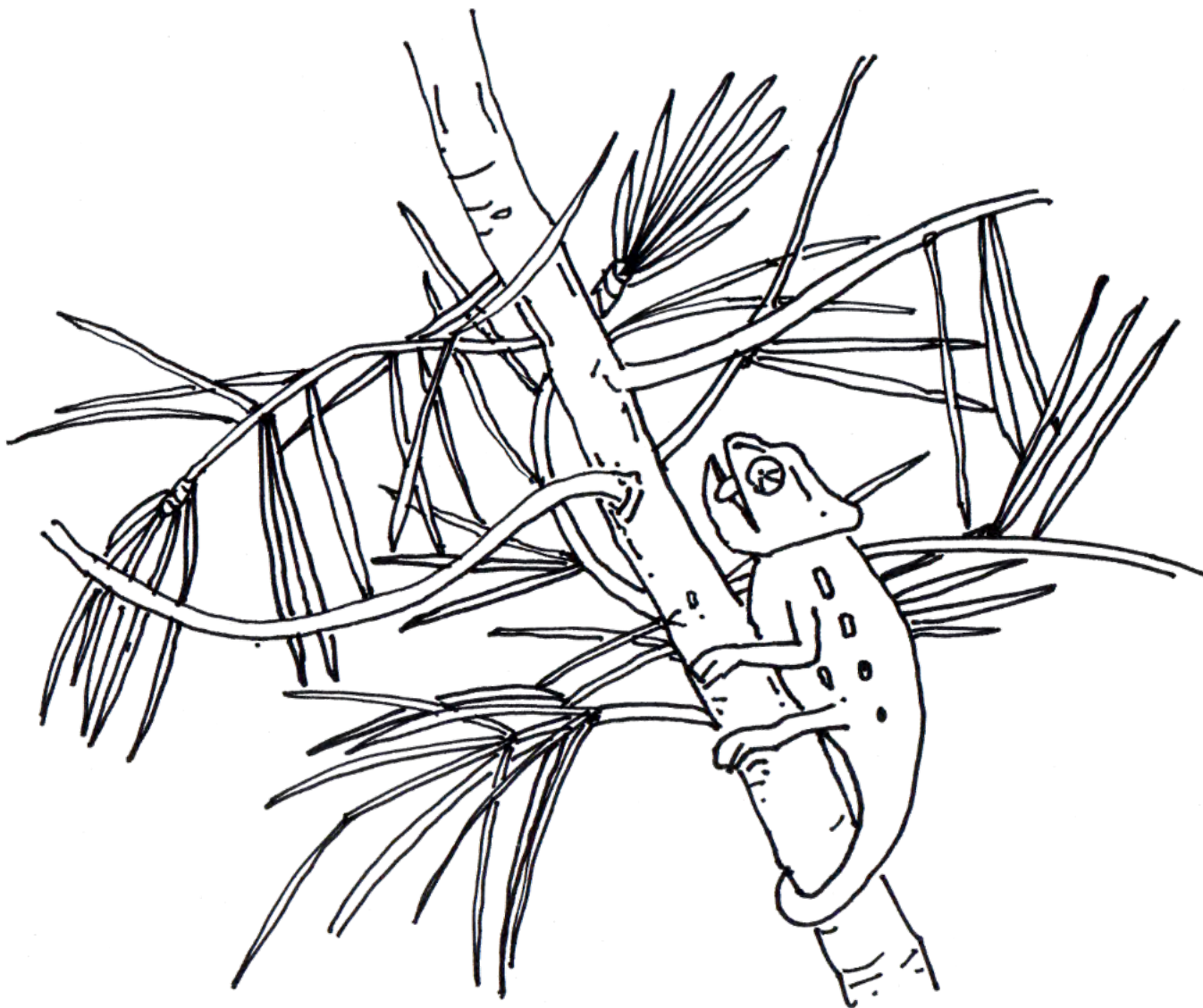
Quando Délia partiu começaram a cair as primeiras chuvas de outono e, aos poucos, a paisagem cobriu-se de verde. Agora Leo já podia caçar, mas não tinha apetite. A sua amiga partira e ele sentia-se só.

Sem saber porquê, começou a percorrer o caminho de regresso a casa. Apesar de não ter amigos à sua espera, Leo não sentia medo. Tinha confiança em si próprio e o seu coração dizia-lhe que tudo ia correr bem.

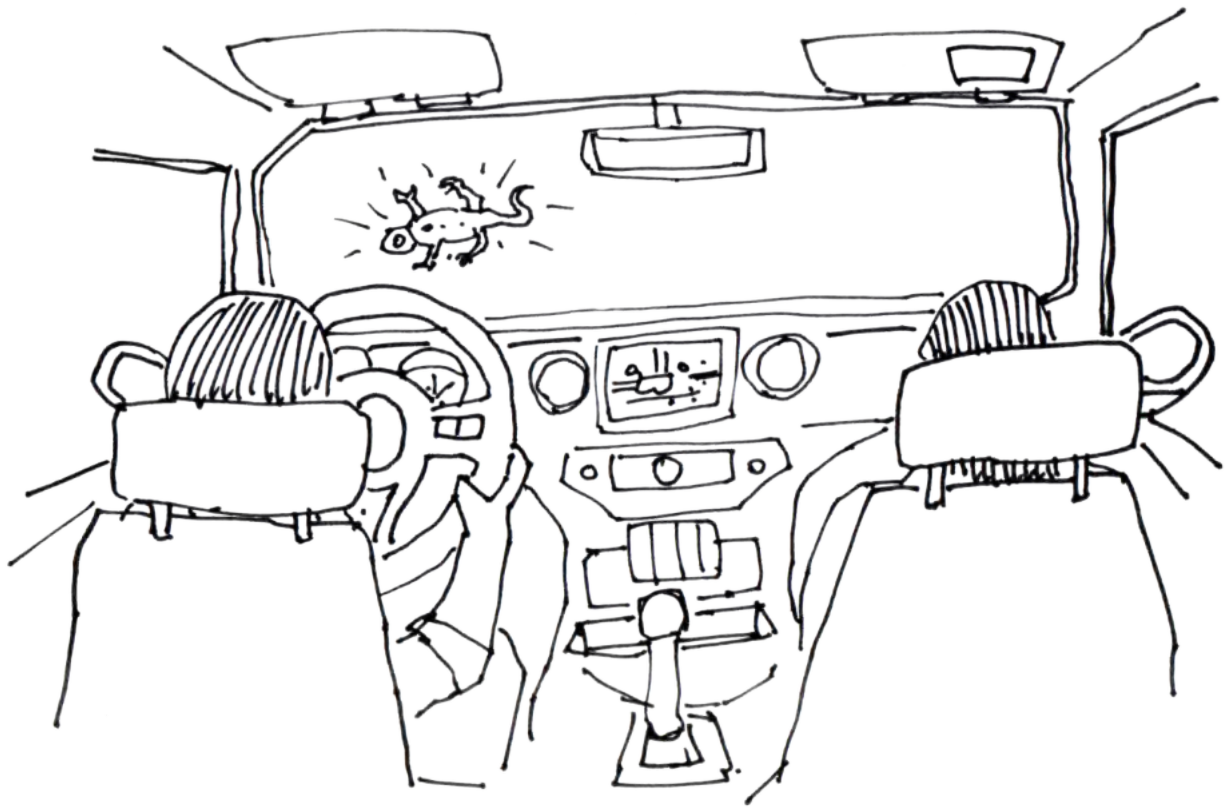


Ao fim de dois dias a caminhar a passo de camaleão, Leo reconheceu os cheiros e os arbustos que lhe eram tão familiares.

“Já estou perto de casa” pensou ele e trepou a um pinheiro para se orientar. Demorou três horas para atingir o topo da árvore.



Lá de cima enxergou todo o pinhal e os seus antigos amigos que brincavam às escondidas. Um deles escondeu-se no meio da estrada de terra e logo ficou castanho. Nesse momento Leo viu um jipe que se aproximava e percebeu imediatamente o perigo. Quando o jipe passou por baixo dele, Leo não pensou duas vezes e atirou-se do pinheiro abaixo ficando estatelado no para-brisas!



O jipe travou bruscamente e lá de dentro saíram duas raparigas que olhavam para Leo com ar preocupado. “Estará ferido?”, perguntavam-se. Leo também não sabia se tinha partido alguma das suas patas, por isso pôs-se a mexê-las com cuidado.

Felizmente funcionavam todas e ele logo lhes deu uso para sair dali. As raparigas, vendo que ele estava bem, seguiram viagem.

— Ó Leo, salvaste-me a vida! — exclamou o camaleão que por pouco não fora atropelado.

— Olha, é o Leo! Ele voltou! — diziam os outros camaleões, aproximando-se.

— E arriscou-se para salvar um de nós! Foi muito corajoso!

— Leo, desculpa o que te fizemos. Fomos uns palermas.

— Na verdade foram — respondeu Leo —, mas já passou algum tempo e penso que todos crescemos. Acho que vocês já não têm preconceitos na cabeça.

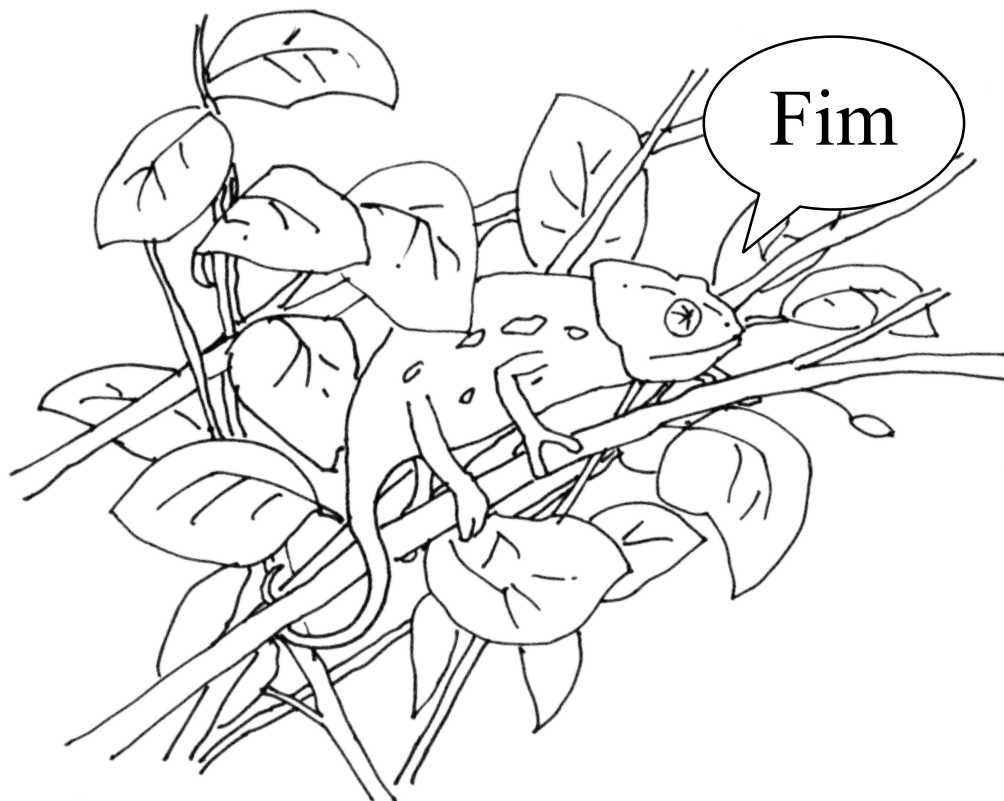
— O quê?!

— Nada, nada. Era só uma brincadeira.

E a partir desse dia Leo nunca mais teve de se preocupar com comida, pois quando não chovia e o tempo seco dourava a paisagem, todos os camaleões caçavam para o alimentar. Era a forma que tinham de lhe mostrar que gostavam dele e o respeitavam. Porque a Leo, o que lhe faltava na arte da camuflagem sobrava-lhe em coragem e generosidade.



E foi assim que Leo viveu feliz para sempre, com os seus amigos camaleões e a sua amiga andorinha, que voltava todos os anos para brincarem nas poças de água e tomarem banhos no mar.





## PERFIL DO CAMALEÃO-COMUM

O nome camaleão deriva do grego antigo *khamai + léon* e significa "leão anão".

Os camaleões têm o corpo coberto de escamas, respiram por pulmões e põem ovos, por isso são répteis.

Como são vagarosos, os camaleões poderiam ser fáceis de apanhar pelos predadores. Mas, para evitarem ser atacados, eles arranjam uma excelente estratégia: de acordo com o local onde se encontram, mudam a sua coloração, camuflando-se. A mudança de cor também é útil quando querem afastar outros camaleões ou atrair parceiros para a reprodução.



Os camaleões são uma espécie que está ativa durante o dia. À noite, quando estão a dormir, deixam de conseguir camuflar-se e ficam com uma coloração verde-clara.

Podem projetar a língua até uma distância de quase o dobro do seu tamanho corporal (sem contar com a cauda).

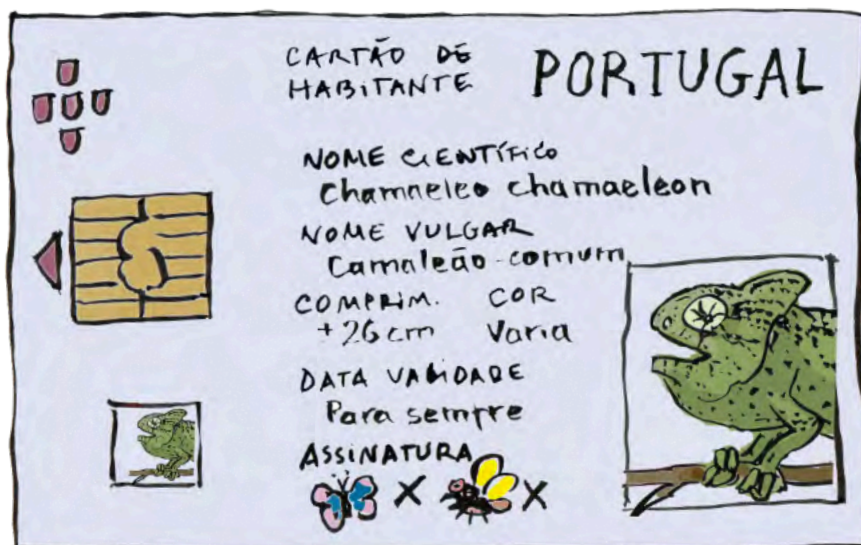
A família dos camaleões tem mais de 200 espécies diferentes no mundo. A

maior parte encontra-se em África, Madagáscar, Arábia Meridional e Índia.

Uns são tão pequenos que em adultos não chegam a atingir 3 cm, enquanto que outros medem mais de meio metro! Alguns têm uma espécie de elmo na cabeça, outros têm três chifres e outros exibem extraordinárias cores vibrantes.

Mas todos eles têm em comum a capacidade de mudarem de cor, a língua rápida e comprida e olhos que se movem independentemente um do outro.

Em Portugal, existe uma única espécie de camaleão: o camaleão-comum. O seu nome científico é *Chamaeleo chamaeleon*.






# DISTRIBUIÇÃO

O camaleão-comum apresenta uma vasta ocupação em redor do mediterrâneo.

Em Portugal, apenas pode ser visto na faixa litoral algarvia.

Além de Portugal, pode ser encontrado em outros países do sul da Europa (Espanha e Grécia), em algumas ilhas do Mediterrâneo, no Norte de Africa e no Sudoeste Asiático.



 Distribuição do camaleão-comum

Os cientistas apontam várias hipóteses para a existência do camaleão-comum em Portugal.

- Introdução recente – introduzido no Algarve há cerca de 100 anos por operários algarvios que periodicamente iam trabalhar nas fábricas instaladas no sul de Espanha e Marrocos.
- Introdução antiga – introduzido no Algarve há vários séculos, por via dos contactos comerciais com o porto de Essaouira (desde o século VII), na costa atlântica de Marrocos.
- Espécie autóctone – estudos genéticos apontam a hipótese de uma passagem natural, a partir de África, com perto de 200.000 anos.

Para Octávio Paulo, o cientista que mais estudou o camaleão no nosso país, esta espécie devia ter sido sempre considerada como autóctone (espécie que é nativa ou natural de uma determinada região) ou uma introdução antiga no Algarve.



# HABITAT



O camaleão-comum pode ser encontrado ao longo da faixa costeira do Algarve, sobretudo nos seguintes *habitats*:

- Dunas costeiras com florestas de pinheiro-manso e/ou pinheiro-bravo;
- Dunas com vegetação, essencialmente piorno-branco;
- Pomares tradicionais de alfarrobeiras, figueiras, amendoeiras, oliveiras, entre outros.





Duna com piorno

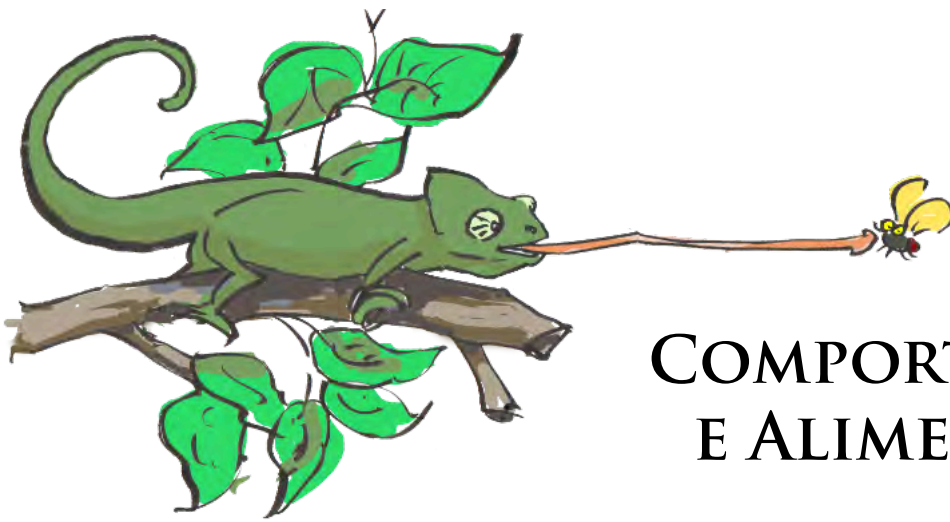


Pinhal costeiro



Pomar de sequeiro - oliveiras





## COMPORTAMENTO E ALIMENTAÇÃO

O camaleão-comum é uma espécie arborícola, ou seja, vive exclusivamente nas árvores e arbustos, tendo o corpo perfeitamente adaptado a este tipo de *habitat*.

A cauda preênsil e as garras em forma de pinça com dedos oponíveis auxiliam-no na deslocação e no equilíbrio.

Possui olhos telescópicos que consegue movimentar de forma independente em todas as direções, vendo vários ângulos sem se mexer.

É importante recordar que a capacidade de camuflagem do camaleão, ou seja, a sua aptidão para mudar de cor confundindo-se com o ambiente, permite-lhe escapar de predadores ou capturar as suas presas. A mudança de cor é também uma forma de os camaleões comunicarem entre si.

O camaleão é insetívoro, alimentando-se de gafanhotos, moscas e borboletas, entre outros.



Olhos independentes



Cauda preênsil

Aproximando-se dos insetos com movimentos lentos e extrema precaução, projeta sobre eles a língua comprida e coberta de saliva viscosa.



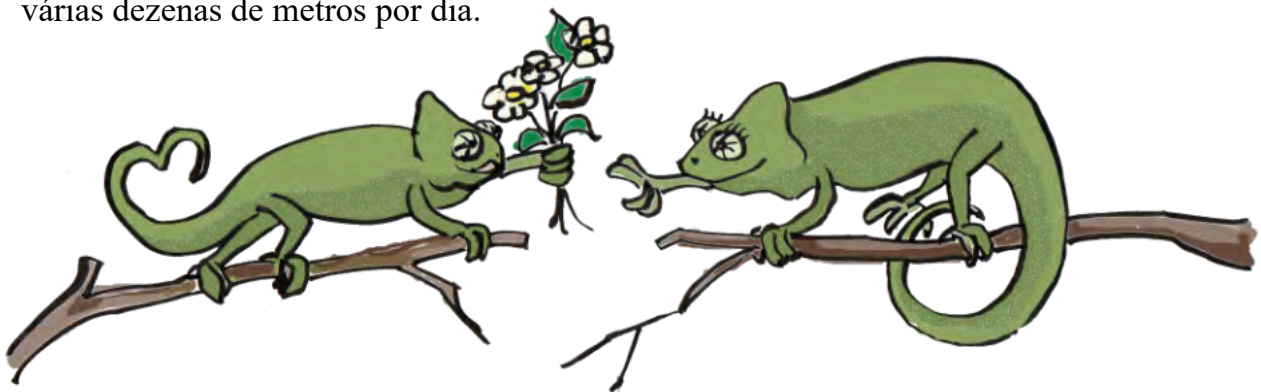
Camuflagem



Língua viscosa

## REPRODUÇÃO

No Algarve, o período reprodutor dos camaleões ocorre no verão. Nesta altura, os machos movimentam-se bastante na procura de fêmeas recetivas, podendo percorrer várias dezenas de metros por dia.



Também as fêmeas grávidas percorrem grandes distâncias (cerca de 600 a 1000 metros) até encontrarem o local ideal para porem os ovos.

As posturas ocorrem normalmente em outubro.

1. Primeiro a fêmea grávida escolhe um bom local e depois começa a escavar um buraco bem fundo.
2. A postura é feita (cerca de 30 ovos).
3. Depois há que tapar os ovos para que não sejam descobertos por um predador.
4. No final, a fêmea vai-se embora e tudo é deixado como estava antes.

Ações durante a  
postura de  
camaleão-comum



Muitas fêmeas morrem após a postura, possivelmente devido ao esforço da reprodução.

A incubação dos ovos demora cerca de 10 a 12 meses e em agosto nascem as crias.



Fêmea grávida

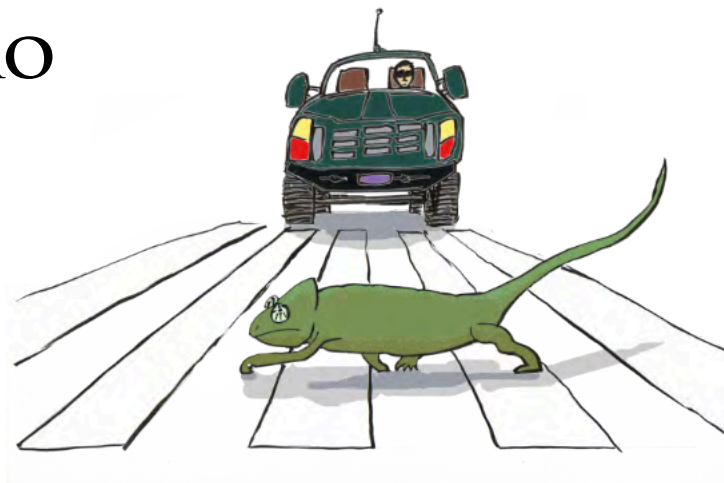


Camaleão juvenil

# AMEAÇAS E PROTEÇÃO

Existem diversas ameaças à sobrevivência do camaleão:

- Redução e fragmentação do seu *habitat* devido às construções e atividades humanas no litoral e à mudança da agricultura tradicional para a agricultura intensiva;
- Atropelamentos, principalmente no verão quando o camaleão está mais ativo;
- Capturas pelo ser humano;
- Capturas por predadores (pega-rabuda, cobra-rateira, ratazana, peneireiro-vulgar, tartaranhão-caçador, cães e gatos domésticos, entre outros).



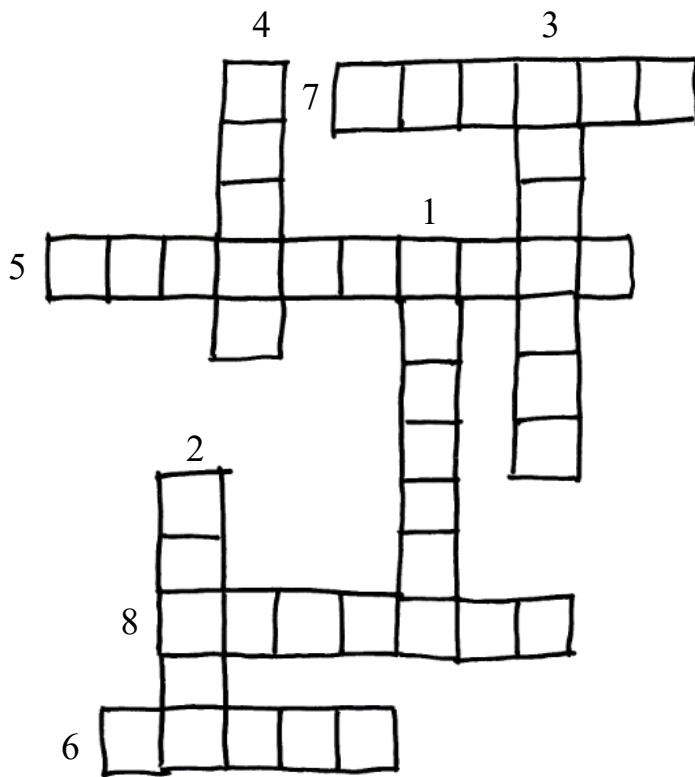
## O que debes fazer se encontrares um camaleão?

- Se o camaleão estiver ferido ou doente, deverá ser recolhido cuidadosamente com uma toalha, colocado numa caixa de cartão e encaminhado o mais rapidamente possível para o centro de Recuperação e Investigação de Animais Selvagens (RIAS), localizado em Olhão (telemóvel: 927 659 313). Pode ser contactado também o Serviço de Proteção da Natureza e Ambiente da GNR (SEPNA) (telefone SOS Ambiente: 808 200 520). Pode ainda ser contactado o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) em Olhão (289 700 210), Castro Marim (281 531 257) e Lagos (282 402 320).
- Se o camaleão estiver saudável, mas estiver num local perigoso para a espécie, como por exemplo a atravessar uma estrada, deve pegar-se nele com o auxílio de um pequeno pau ou ramo e colocá-lo num local seguro, na direção para onde ele se estava a dirigir. Nestes casos em que o animal não está doente, não é necessário ir para o centro de recuperação.

Lembra-te que capturar camaleões e mantê-los em cativeiro é crime! Estes são animais selvagens e devem permanecer livres no seu ambiente natural.



# PALAVRAS CRUZADAS

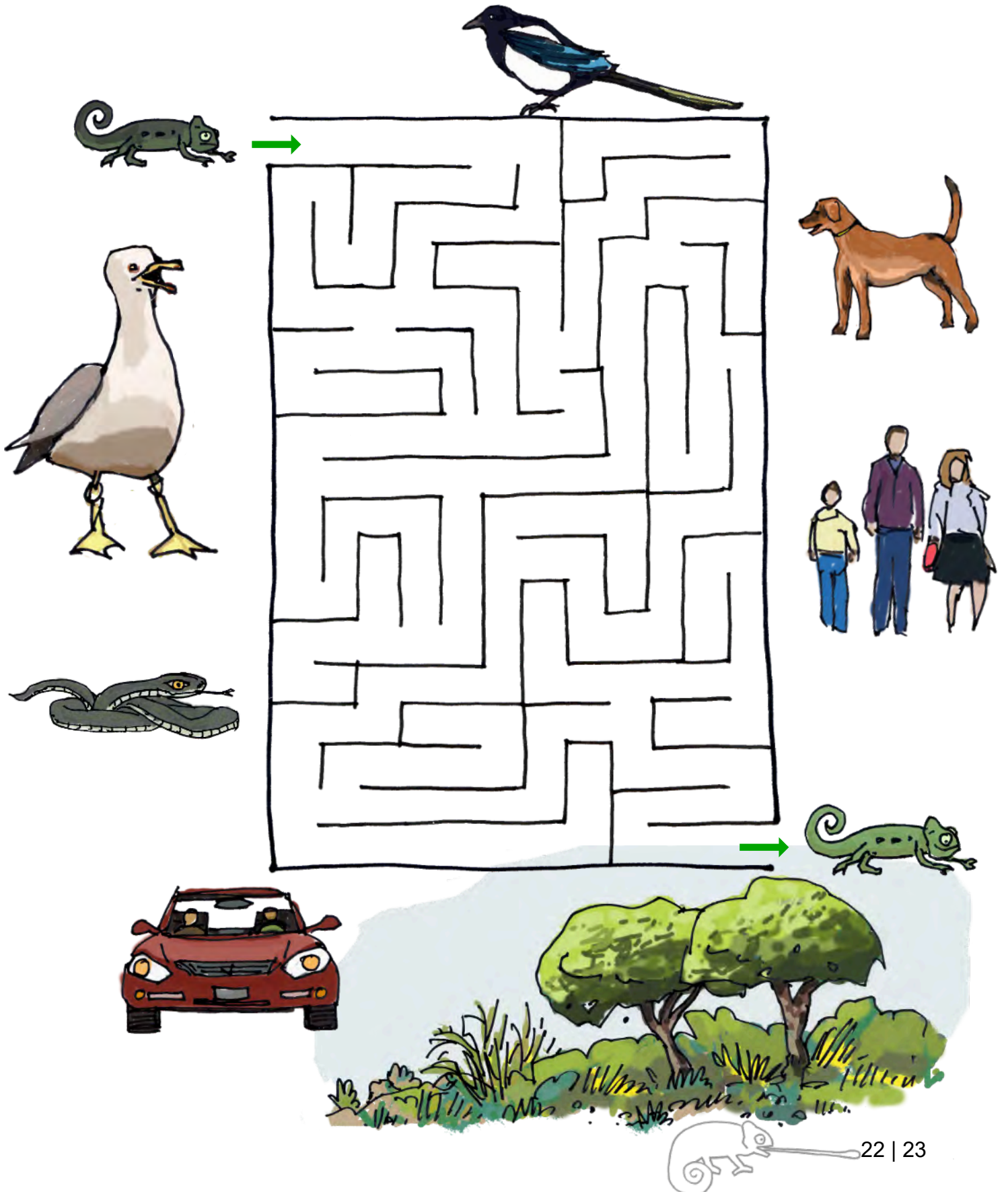


- 1 - A única região de Portugal onde vive o camaleão é o \_\_\_\_\_.
- 2 - Em que estação do ano o camaleão se reproduz? \_\_\_\_\_.
- 3 - O camaleão é insetívoro porque come \_\_\_\_\_.
- 4 - A espécie de camaleão que existe em Portugal é o camaleão-\_\_\_\_\_.
- 5 - A capacidade que o camaleão tem de alterar a cor do seu corpo chama-se \_\_\_\_\_.
- 6 - A língua do camaleão é enorme, podendo atingir o \_\_\_\_\_ do comprimento do corpo.
- 7 - O continente onde existe maior número de camaleões é a \_\_\_\_\_.
- 8 - Os camaleões têm o corpo coberto de escamas, respiram por pulmões e põem ovos, por isso são \_\_\_\_\_.



# LABIRINTO

Ajuda o camaleão a evitar os perigos e a chegar ao seu *habitat* natural.



Agora que já sabes mais sobre o camaleão, testa os teus conhecimentos num questionário online!



Solução das palavras cruzadas: 1- Algarve, 2- Verão, 3- Insetos, 4- comum, 5- Camuflagem, 6- Dobro, 7- África, 8- Répteis

#### Fontes bibliográficas:

Brás, P. (2011); “Contribuição para uma estratégia de conservação para o camaleão-comum *Chamaeleo chamaeleon* (Linnaeus, 1758), no sul de Portugal” (Tese de Mestrado em Biologia da Conservação); Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Duarte, M.; Ferraz, N.; Ramos, M. (1993); “Répteis e Batráquios – Fauna de Portugal”; Natureza Júnior; Edições Asa.

Geraldes, H. (2017); “O que procurar no Verão: camaleões no Algarve” [online]; Wilder.pt.

Loureiro, A. *et al.* (eds.). (2010); “Atlas dos anfíbios e répteis de Portugal”. Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade. Esfera do Caos.

Paulo, O. S.; Pinto, I.; Bruford, M. W.; Jordan, W. C.; Nichols, R. A. (2002); “The double origin of Iberian peninsular chameleons”; Biological Journal of the Linnean Society.

Pinheiro, J.; Rosário, I.; Pinto, I.; Paulo, O. (1998); “Estudo da Biologia da Conservação da Espécie de Camaleão, *Chamaeleo chamaeleon* no Algarve”.

### **Ficha técnica**

Título: “O camaleão que não mudava de cor”

Conto: Ana Xavier

Ilustrações: João Pinto

Secção “Aprende e Brinca”: Ana Xavier e Susana Marreiros

Fotografias: Teresa Patrício, João Pinto (pág. 17), Associação A Rocha (pág. 20, sequência topo), RIAS (pág. 20, camaleão juvenil)

Edição: Comunidade Intermunicipal do Algarve (AMAL) e Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P. (ICNF)

Apoio: Comissão de Cogestão do Parque Natural da Ria Formosa

Design Gráfico e Paginação: João Pinto

Impressão: Gráfica Comercial, Arnaldo Matos Pereira, Lda.

Distribuição: Gratuita

Depósito Legal: 537620/24

ISBN: 978-972-775-239-3

1.<sup>a</sup> edição: 2024

Este caderno pedagógico foi financiado pelo Fundo Ambiental.



Promotores:



Apoio:



Financiamento:

FUNDO AMBIENTAL